

CRÍTICA / FILME / O BASTARDO

Western à escandinava

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Produzido por Louise Vesth (de “Melancolia”), colaboradora de Lars von Trier, responsável por escavar orçamentos altos e garimpar holofotes internacionais generosos para o cinema de CEP escandinavo, “O Bastardo” é um épico histórico europeu que evoca, a todo tempo, a tradição essencial do faroeste: o desbravamento. O nome do gênero entre nós é uma tradução de far west, “o Oeste distante”, as terras a serem conquistadas. John Ford eternizou essas conquistas em filmes memoráveis (como “No Tempo Das Diligências”) que ajudaram a lapidar Hollywood como indústria, despertando inveja em filmografias do mundo inteiro.

Atentos aos EUA, os italianos inventaram o spaghetti – vertente B das histórias de cowboys – tentando decalcar a sanha homérica dos americanos. Ali mesmo pela década de 1960, entretanto, essa sanha estadunidense foi esgotada pela correção política, avessa ao espírito colonialista do gênero.

Os westerns que se fizeram notar mais e melhor naquele período eram outonais e de-



O dinamarquês Mads Mikkelsen vive um capitão que busca explorar as lavouras historicamente secas da região da Jutlândia

claravam o ocaso de uma forma narrativa. Basta lembrar a devastadora a sequência de “Meu Ódio Será Sua Herança” (1969) na qual caubóis de índole má vividos por William Holden, Ernest Borgnine, Ben Johnson e Warren Oates percebem que estão em desuso quando não há mais do que ser desbravado no Oeste. Quem roubou, roubou. O progresso chegou e a lógica do mundo a ser desbravado perdeu-se no ruído metálico de locomotivas. Sobrou para o banguê-banguê ser ecológico ou existencialista.

Coube à Dinamarca encontrar um lugar para o formato fordiano clássico, amparada no sempre elegante desempenho de seu astro mais popular, Mads Mikkelsen (de “A Caça”). É recorrente a aproximação dele a enredos sobre o limite do processo civilizatório numa sociedade que, nas aparências, parece não ter dilemas sociais – embora eles estejam lá. A palavra “civilização” é o eixo ético que tonifica a dramaturgia de “Bastarden” (título original, também conhecido como “The Promised Land”) em sua aproximação de um enredo

que evoca Ford ao falar da expansão de uma pátria por seus territórios hostis.

Nikolaj Arcel, cineasta que trabalhou com Mikkelsen em “O Amante da Rainha” (2012), volta a se aproximar dele para contar um périplo geográfico de obstinação. Usando todo o requinte de direção de arte que Louise Vesth lhe oferece, o realizador recria a realidade dinamarquesa do século XVIII, quando o Capitão Ludvig Kahlen (papel de Mads) – decide abandonar os campos de batalha a fim de cultivar as terras na península da Jutlândia. Fala-se que nada cresce por lá, fora arbustos pequenos e secos, mas Kahlen insiste, pede as benesses do rei e segue. Bate de frente com um nobre local, encara o desprezo de governantes e conta com a lealdade de ciganos que sempre foram proscritos. Seu Oeste no coração da Escandinávia registra intolerâncias que lembram as do universo rural hollywoodiano.

Arcel sabe que tem uma dimensão heroica em seu protagonista, similar a dos tipos vividos por John Wayne, mas não quer reduzi-lo a um arquétipo de vigilante. O empenho do realizador, expresso em planos visualmente requintados (de cores retintas), está em explorar o limiar entre loucura e ódio que uma onipotência expansionista pode gerar. A retidão de Kahlen parece apolínea, mas seu caráter é torto. Sua psique fraturada, explorada com gana por Mikkelsen, garante às telas um personagem complexo – e arrebatador.

CRÍTICA / FILME / FORÇA BRUTA

Um Dirty Harry gaiato

Mesmo sob a implacável patrulha do politicamente correto, o cinema de ação tem encontrado meios de se reinventar ora pela aposta em narrativas cinemáticas (como “John Wick”), ora por meio de astros com perfil de ferrabrás que desafiam o moralismo contemporâneo. O britânico Jason Statham cumpre bem esse papel em Hollywood, mas fora das fronteiras americanas quem vem



Divulgação

O quarto volume da franquia ‘The Roundup’ atrai olhares para o coreano Don Lee

assumindo a persona do “bruto imparável” (outrora chamada de “exército de um só homem”) é o ex-boxeador sul-coreano Ma Dong-seok, hoje mais conhecido pela alcunha de Don Lee. Depois de chamar atenção em “Invasão Zumbi” (2016), ele estabeleceu reputação de astro em sua pátria com a franquia “The Roundup”, iniciada em 2017.

O faturamento dessa gaiata cinesérie, traduzida aqui como “Força Bruta”, hoje beira

US\$ 319 milhões. Embora seja bem-humorada, mas com o zelo de não virar chanchada (como se dava com os longas de Jackie Chan), ela resgata um ethos cascudo que contagiou as telas sobretudo nos anos 1970, com o chamado “poliziesco”, o thriller à italiana (como “Milão Calibre 9”), e com a saga Dirty Harry, com Clint Eastwood. A cada nova aventura dessa iguaria da Coreia – já são quatro! -, Don lapida o carisma de seu personagem: o dete-

tive brucutu Ma Seok-do, que não usa armas, mas tem um soco devastador. Suas tramas são baseadas em episódios reais das manchetes criminais da Ásia.

A partir deste fim de semana, o Brasil recebe o “episódio” mais áspero de todos os títulos da (até agora) tetralogia de Seok-do: “Sem Saída”, lançado no exterior em 2023. Sua bilheteria global foi de US\$ 83 milhões. A direção frenética de Lee Sang-yong assegura um dinamismo impecável nas sequências de perseguição e de confronto. No roteiro, o investigador com jeitão de Maciste vivido por Don vai inspecionar a entrada de um derivado da anfetamina em seu país, chamada Hiper. Ao correr atrás dos suspeitos, ele descobre a intervenção da Yakuza, a máfia japonesa, o que pode deflagrar um incidente internacional. Em meio a uma aeróbica de câmera convulsiva, Seok-do tenta resolver a questão com uma política de boa vizinhança feita de sopapos e de pontapés. (R. F.)